

NOTAS SOBRE O SABER DA EXPERIÊNCIA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PODER UBUESCO

Isabel Cristina Dalmoro**
Suelen Assunção Santos**

Resumo: ‘Experiência’ é entendida como aquilo que nos passa, que nos acontece e que nos toca. Em vista disso, esse relato de experiência toma o sentido de relato de um estudo que nos tocou, nos aconteceu e nos deixou vestígios. Assim sendo, a narrativa que segue refere-se a um relato de experiência sobre um estudo de Mestrado integrado à Linha de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – UFRGS, que investiga como os efeitos dos discursos e das práticas sociais processadas em diferentes instâncias atuam na produção de verdades e de sujeitos, tendo como base a perspectiva pós-estruturalista. O estudo teve como objetivo examinar noções pertinentes à filosofia de Michel Foucault que servissem como ferramentas analíticas para lançar novos olhares sobre a Educação Ambiental. O propósito desse texto é apresentar como transcorreu o encontro entre a referida educação e a noção de poder ubuesco, mencionado pelo autor apenas nas duas primeiras aulas que integralizam a obra *Os Anormais* (1974-1975). Por conta deste encontro, tendo como base o método da Cartografia, em que se buscou apresentar os mapas dos sentidos que a categoria do ubuesco alcançou, obteve-se como resultado a elaboração e a submissão de um artigo no qual a noção de poder ubuesco foi operada com o contexto da crise ambiental vigente. O presente relato abordará a experiência percorrida até a escrita do artigo submetido, apresentando os principais passos do percurso realizado.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Experiência. Poder ubuesco. Pós-estruturalista.

1 Apresentação

“Experiência” é entendida no sentido sustentado por Bondía (2002, p. 21), no qual é considerada como aquilo “que nos passa, nos acontece e nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Por conta disso, o presente relato de experiência assume o sentido de relato de um estudo porque nos tocou, nos aconteceu e nos deixou vestígios. Assim sendo, a narrativa a seguir resulta de um estudo de Mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGEC/UFRGS. A pesquisa de Mestrado está vinculada à Linha de Pesquisa que investiga as implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos, tendo como base autores que adotam a perspectiva pós-estruturalista. Nesse caso, trata-se de uma pesquisa que tem como objetivo examinar noções da filosofia de Michel

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC/UFRGS); Bolsista CAPES.

** Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Doutora em Educação (UFRGS); Professora do Departamento Interdisciplinar (UFRGS); Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (PPGEC/UFRGS), Orientadora.

Foucault que possam ser operados analiticamente com a Educação Ambiental e que possam lançar novos olhares sobre ela. Para esse relato a noção escolhida é a do poder ubuesco. A referida noção foi comentada por Foucault explicitamente nas duas primeiras aulas que compõem a obra *Os Anormais* (Curso no Collège de France 1974-1975), nas quais o autor caracteriza o referido poder e seus possíveis efeitos a partir dos relatórios elaborados por peritos psiquiatras em matéria penal, sendo esse o contexto inicial da obra mencionada.

Trazemos à tona, primeiramente, como transcorreu o encontro entre a Educação Ambiental e a noção de poder ubuesco, que culminou na elaboração de um artigo em que sobreveio a operacionalização da referida noção no contexto da crise ambiental vigente. Em seguida, partimos para a breve apresentação do método escolhido para o exame da referida noção, no qual buscamos na Cartografia um modelo para a análise dos mapas dos sentidos que a categoria do ubuesco alcançou. Para tanto, lançamos mão, como material empírico, de referenciais teóricos que impulsionaram a noção e que, de algum modo, a abordam e a problematizam. Por fim, apresentamos como resultado do estudo alguns elementos e considerações que integram o artigo produzido. Adiantamos que as noções mencionadas serão detalhadas ao longo da escrita, cabendo nesse momento uma breve apresentação.

O primeiro encontro com a noção de poder ubuesco aconteceu durante a leitura e estudos de textos no primeiro semestre de 2017 para a disciplina¹ denominada de “Estudo dirigido: interlocuções entre a Educação e Foucault”, ministrada pelas professoras Cláudia Glavam Duarte e Suelen Assunção Santos, concomitantemente com os estudos pertinentes ao grupo de estudos foucaultianos (GEEMCo²) que se reúne para aprofundamento e discussões das noções que integram a Linha de Pesquisa pós-estruturalista. Especificamente, foi durante a leitura do texto “A crise da governamentalidade e o poder ubuesco” de Leme (2008), cujo foco inicial era o estudo sobre a noção de governamentalidade, que o adjetivo ubuesco chamou-nos a atenção. De forma resumida, Leme (2008) vincula a noção de poder ubuesco ao princípio do terror mencionado por Foucault quando o autor trata da crise da governamentalidade na obra *Do Governo dos Vivos* (1979-1980). Além disso, Leme (2008) apresenta um desdobramento da noção de poder ubuesco, impulsionando a noção de mentira ubuesca. Segundo o autor, a mentira ubuesca é “uma mentira invertida”. Em linhas gerais, trata-se de uma mentira que tanto o emissor quanto o destinatário sabem que o enunciado é falso. Por conta da relação estabelecida entre os textos e as noções em que Leme (2008) baseia sua escrita surgiram questionamentos como: Que poder é esse de que trata o autor? De

¹ As aulas desta disciplina ocorreram no Campus Litoral Norte da UFRGS.

² Grupo de Estudos em Educação Matemática e Contemporaneidade (GEEMCo – UFRGS).



qual obra foucaultiana ele emergiu? Como Foucault caracterizou um poder de “ubuesco”? O que quer dizer o termo “ubuesco”? Como acontecem as relações em que o princípio do terror se evidencia? Como se dá a relação entre o princípio do terror e a noção de poder ubuesco?

Num primeiro momento a busca ocorreu no próprio texto de Leme (2008, p. 189), no qual o autor menciona a “mecânica ubuesca do poder” como uma falha mecânica na história do poder e que integra as estruturas do poder político, fazendo uso das palavras de Foucault extraídas da obra *Os Anormais* (1974-1975) para caracterizar o que seria o “ubuesco”, tal como citamos: “[...] a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz”. Prossegue Leme (idem), novamente citando a obra foucaultiana, de que o “ubuesco” é entendido como algo “grotesco”, que designa o fato de um indivíduo “deter por estatuto efeitos de poder dos quais a sua qualidade intrínseca deveria privá-lo”. Naquele momento as descrições apresentadas por Leme (2008) ainda eram insuficientes para caracterizar e compreender o poder ubuesco³, pois queríamos mais do que as informações fornecidas. Por conta disso acionamos a busca pela internet a partir do termo ubuesco, o que nos remeteu a seguinte descrição⁴: “[...] o adjetivo ubuesco se usa para qualificar as situações absurdas, grotescas, arbitrárias”. Além disso, no site pesquisado, nos deparamos com a menção da obra de Jarry (1873-1907), autor da peça teatral intitulada *Ubu-roi*⁵ (1896), da qual o adjetivo ubuesco teria sido derivado. Tendo como referencial teórico a obra foucaultiana mencionada por Leme (2008), qual seja, *Os Anormais* (1974-1975) e a peça *Ubu-roi* (1896) iniciamos a pesquisa para o exame da noção de poder ubuesco. Contudo, ainda não tínhamos ideia da abrangência da referida noção, muito menos se ela poderia ser utilizada para operar com a Educação Ambiental. O que só foi possível realizar na retomada do texto de Leme (2008), após termos percorrido parte do estudo. O que tínhamos era a curiosidade inicial que move tanto pesquisadoras como filósofas, remontando o espanto diante do que consideramos novo.

Salientamos que pelo ponto de vista dos estudos foucaultianos a noção de verdade é considerada como algo que emerge dos “jogos de verdade”. A verdade diz respeito “não a descoberta do que é verdadeiro, mas das regras segundo as quais aquilo que um sujeito diz a respeito de um certo objeto decorre da questão do verdadeiro e do falso” (REVEL, 2011, p. 149). De acordo com Foucault:

³ Acerca do adjetivo ubuesco, há na tradução utilizada da obra foucaultiana uma nota [nº 20] que descreve sucintamente o termo. Para o estudo, consideramos o conteúdo desta nota insuficiente.

⁴ Disponível em: < <http://etimologias.dechile.net/?ubuesco> > Acesso em 08/04/18.

⁵ Ubu-rei ou Rei Ubu.



[...] é que a verdade não existe fora do poder ou sem o poder. [...] a verdade é deste mundo; ela é produzida graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade, isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros (1979, p. 12).

Para mais, a noção de discurso, na perspectiva foucaultiana, se apresenta como “um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns” (REVEL, 2011, p. 41). Isso significa dizer que ao se tomar o discurso como um conjunto de enunciados, se relaciona a prática discursiva não como um ato de fala ou com a ação de pronunciar discursos, mas condiz com as práticas discursivas que “moldam nossas maneiras de constituir o mundo, de compreendê-lo e de falar sobre ele” (VEIGA-NETO, 2016, p. 93).

2 O método baseado na Cartografia e a caracterização do ubuesco

Inicialmente, há de se dizer que somente depois de parte da pesquisa realizada é que nomeamos o método que deu embasamento ao estudo do poder ubuesco, a saber, a Cartografia. Isso deu-se por conta das características percebidas que permeiam tanto o modo como a pesquisa estava ocorrendo como as que caracterizam o método da Cartografia. De forma resumida, “a Cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção” (KASTRUF, 2015, p. 32). Ou, como sustenta Rolnik (2011, p. 26) “a Cartografia vai se fazendo ao mesmo tempo em que certos afetos foram revisitados (ou visitados pela primeira vez), e que um território foi se compondo para eles”. Dessa forma, o método da Cartografia toma o significado de um acompanhamento de percursos, cartografando as movimentações e alterações que abarcam mudanças, fazendo com que o método seja construído ao longo do percurso em que a pesquisa acontece, ressignificando os sentidos. No caso, é o processo de produção dos sentidos da categoria do ubuesco que o método adotado, baseado na Cartografia, investigou.

Além do mais, conforme Barros e Passos (2015, p. 172), “o trabalho de pesquisa deve ser sempre acompanhado pelo registro não só daquilo que é pesquisado quanto do processo mesmo do pesquisar”, pois isso permite a análise das implicações que se cruzam no método da pesquisa, servindo como um possível “disparador de desdobramentos da pesquisa” (idem). Por esse motivo, numa espécie de registro do processo de pesquisa realizado e da experiência que nos tocou, é que elaboramos o presente relato. Desta experiência, trazemos, a seguir, uma



breve narrativa em que apresentamos a caracterização da noção de poder ubuesco partindo da obra que primeiro a impulsionou, a saber, a peça *Ubu-roi* (1896).

A peça *Ubu-roi* (1896) é composta por cinco atos que contam as peripécias de Pai Ubu que, junto com a esposa Mãe Ubu e seus súditos, trama e executa o assassinato do soberano da Polônia, rei Venceslau. Ao assumir o trono por meio deste assassinato, Pai Ubu se proclama rei Ubu. Logo depois de ter assumido o cargo que não era seu por direito, os mandos e desmandos do rei Ubu são marcados pela tirania acentuada pelo terror imposto aos seus súditos e pela covardia do personagem. Um exemplo disso é quando ordena o aumento e o pagamento de impostos dos camponeses em troca de suas vidas: “ Paguem! Ou meto todos no meu bolso, com tortura, degolação do pescoço e da cabeça! ” (JARRY, 1986, p. 85). Além disso, por conta das falas, Pai Ubu carrega um tipo de humor às avessas, num tom sarcástico e grosseiro, como quando aparece em cena trazendo em suas mãos uma escova de limpar privadas como se fosse um cetro e grita: “E vocês logo vão gritar viva o Pai Ubu! ” (idem, p. 35). Por conta das cenas em que ocorrem os diálogos *ubesianos*⁶, de acordo com Fernandes (2007, p. 11), a peça *Ubu-roi* (1896) inaugurou “uma forma inédita de humor, baseada na incongruência das ações e na incoerência das falas do protagonista”. Cabe ressaltar que o sentido do riso nesse contexto é o da ironia, num sentido de riso incomodado com a situação apresentada. Ademais, Jarry (2007) destaca que as cenas de *Ubu-roi* (1896) podem acontecer tanto na Polônia, como em Lugar Nenhum. Por “Lugar Nenhum”, segundo o autor, entende-se que “[Lugar Nenhum] fica em toda a parte e, antes de mais nada, o país onde nos encontramos” (JARRY, 2007, p. 33). Desse modo, consideramos que Lugar Nenhum perpassa o tempo e o espaço. Ademais, do exposto percebemos a conotação do personagem Pai Ubu com o adjetivo ubuesco. Ainda, o mencionado adjetivo é utilizado como um sinônimo para o grotesco, o absurdo ou o caricato e aproximou a obra de Jarry (1873-1907) com a filosofia de Foucault (1926-1984), quando esse adjetivo é empregado para caracterizar uma nova categoria de poder: o poder ubuesco.

No seguimento do processo de produção da noção de poder ubuesco, dando continuidade ao estudo, passamos para a leitura e estudo da obra de Foucault (2010) em que o poder ubuesco é citado: *Os Anormais* (Curso no Collège de France 1974-1975). Em linhas gerais, nas aulas que compõem a referida obra, o autor elenca noções que possibilitaram a formação da concepção de anormalidade, como também discorre sobre a articulação entre os três elementos que constituíram a categoria dos anormais: o monstro, o indisciplinado e o

⁶ Grifo nosso.

onanista [criança masturbadora]. Entretanto, acerca do poder ubuesco, é somente nas duas primeiras aulas do Curso de 1974-1975 que o autor faz referência a essa categoria de poder. Nessas aulas, tendo como contexto os relatórios dos peritos psiquiátricos em matéria penal, Foucault (2010) vale-se do termo ubuesco como um sinônimo para o grotesco. Nesse sentido se ocupa da etimologia do ubuesco para falar sobre um tipo de discurso:

Chamarei de “grotesco” o fato, para um discurso ou para um indivíduo, de deter por estatuto efeitos de poder de que sua qualidade intrínseca deveria privá-los. O grotesco ou, se quiserem, o “ubuesco” não é simplesmente uma categoria de injúrias, não é um epíteto injurioso, e eu não queria empregá-lo nesse sentido [...] (FOUCAULT, 2010, p. 11).

De acordo com Foucault (2010), os discursos mencionados na citação acima que impulsionam o poder ubuesco apresentam três propriedades numa mesma argumentação e que, por conta disso, merecem um pouco de atenção. As três propriedades contidas nesse tipo de discurso são: o poder de determinar a liberdade ou a detenção de um indivíduo, e no limite disso, o poder de vida e de morte; o poder de verdade – validado pela instituição judiciária – e o poder de fazer rir. Cabe dizer novamente que o sentido do riso do qual estamos falando é o de um riso incomodado, tendo em vista ser oriundo de um humor grotesco, sarcástico e sombrio.

Por conta desse tipo de discurso, Foucault (2010), valendo-se da condição dada por Jarry (2007) de que Lugar Nenhum fica em toda a parte, elenca algumas figuras que remetem ao personagem Pai Ubu, como por exemplo, o Ubu burocrata, que faz parte da administração moderna e o Ubu douto, que fala de maneira erudita por pertencer à instituição judiciária. Para mais, Foucault (2010) caracteriza o perito psiquiatra em matéria penal como um personagem Ubu por causa do poder que a ele foi conferido por pertencer a uma instituição, no caso, a judiciária, e por conta dos relatórios elaborados em que esse faz uso de termos que remetem não a um fornecimento de um diagnóstico acerca da loucura ou da doença, mas a um diagnóstico de criminalidade. Trata-se de um discurso que é ao mesmo tempo um discurso que tem o poder de vida e morte [de tirar ou não a liberdade do outro] e de fazer rir. Um tipo de riso que encontra na ironia sentida pelo receptor do discurso a sua abrangência, por conta dos termos utilizados nos referidos relatórios que o professor Foucault (2010) leu em aula. São termos do tipo “preguiça”, “maldade”, “obstinação”, “orgulho”, entre outros que são utilizados pelos peritos psiquiatras em matéria penal para dar razões aos crimes cometidos pelos réus. Esses termos desqualificam os peritos enquanto cientistas, dado que são considerados como elementos “caducos, ridículos ou pueris” (FOUCAULT, 2010, p. 28).

Ademais, esse tipo de poder é exercido por uma soberania arbitrária⁷, capaz de ao mesmo tempo desqualificar quem está falando e fazer com que a dominação continue. Isso por conta de uma atuação que provoca o terror. A desqualificação de que fala Foucault (2010) é em relação ao perito psiquiatra em matéria penal a quem não caberia fornecer esse tipo de diagnóstico e conseqüentemente dar uma punição. Se assim o faz, é por estar ocupando um lugar que é alicerçado pela instituição judiciária. Do mesmo modo, ao Pai Ubu não caberia estar no lugar de rei da Polônia, por não ser qualificado para tanto. Nesse sentido, é que Foucault (2010) se refere ao poder ubuesco como uma engrenagem inerente aos mecanismos de poder. Em suas palavras:

Creio que existe uma categoria precisa; em todo caso, deve-ser-ia definir uma categoria precisa da análise histórico-política, que seria a categoria do grotesco ou do ubuesco. O terror ubuesco, a soberania grotesca ou, em termos mais austeros, a maximização dos efeitos do poder a partir da desqualificação de quem os produz: isso, creio eu, não é um acidente na história do poder, não é uma falha mecânica. Parece-me que é uma das engrenagens que são parte inerente dos mecanismos de poder (FOUCAULT, 2010, p. 11).

A partir das caracterizações encontradas até aquele momento acerca do poder ubuesco, retomamos o texto de Leme (2008) em mais um movimento da referida noção. Ao tratar da noção de governamentalidade, Leme (2008) impulsiona um desdobramento para o poder ubuesco, a saber, a mentira ubuesca. Antes, cabe dizer que compreendemos a governamentalidade como “uma arte de governar cuja racionalidade tem por princípio e campo de aplicação o funcionamento do Estado: a ‘governamentalidade’ racional do Estado” (REVEL, 2011, p. 74). Em linhas gerais, trata-se de um conjunto de procedimentos que constituem a maneira de governar. Dentre esse conjunto de procedimentos, Leme (2008) traz de Foucault (2014) os cinco princípios⁸ que estão subtendidos na relação que há entre a arte de governar e os jogos de verdade ligados ao pensamento político, que são: o princípio da racionalidade, em que a verdade está fundada na racionalidade estatal; princípio da evidência, no qual é a verdade das coisas que deve governar; princípio da especialização, em que a ideia de verdade é resultado de um conhecimento pericial; princípio da consciência, pelo qual a verdade é imposta por um conjunto de especialistas e o princípio do terror, cuja eficácia do terror é proporcional à sua notoriedade, à sua verdade.

A notoriedade pretendida pelo princípio do terror é que faz com que ele se manifeste e não se esconda. Pelo princípio do terror, no exercício do poder, o governante não oculta o que

⁷ Por vezes, Foucault chama a soberania grotesca de soberania infame ou de soberania arbitrária. Entendemos que as três qualificações possuem o mesmo sentido.

⁸ Para mais, esses princípios são abordados por Foucault (2014) na obra *Do Governo dos Vivos* (1979-1980).



está acontecendo, pois sabe que o governado não ignora a situação. Desse modo, de um lado tem-se o governo fortalecido pela exibição do modo como funciona; por outro, o governado ciente daquilo que se passa. E por ter conhecimento do modo como as coisas funcionam, quando assinaladas pelo princípio do terror, não havendo uma resposta racionalmente possível é que as coisas não se modificam (FOUCAULT, 2014, p. 16).

A partir disso, numa espécie de vazio, emerge aquilo que Leme (2008) chama de mentira ubuesca. Conforme já dito, a mentira ubuesca tem a ver com a “mentira invertida”, em que tanto o orador quanto o ouvinte sabem que o enunciado é falso. Nesse caso, o orador está exercendo seu poder ubuesco, pois ao emitir uma mentira desqualifica-se como interlocutor, não permitindo que o destinatário exerça seu direito de resposta de maneira racional.

Após termos alcançado esse ponto do estudo, em que os movimentos e alterações da noção de poder ubuesco puderam ser percebidas, passamos para a operacionalização com a referida noção. Primeiramente, operamos analiticamente com a noção no âmbito da política mundial. Política na acepção de arte e ciência de governar o Estado. Nesse contexto, trouxemos à tona dois personagens que, por conta das caracterizações e discursos, remetem não somente ao uso do poder ubuesco em suas relações de governo, mas chamam a atenção pela paridade com o personagem criado por Jarry (1986). Em seguida, o desafio consistiu em operar analiticamente com a noção de poder ubuesco na crise ambiental vigente. A operação da noção de poder ubuesco nos dois campos acima mencionados é apresentada brevemente nas discussões e resultados, a seguir.

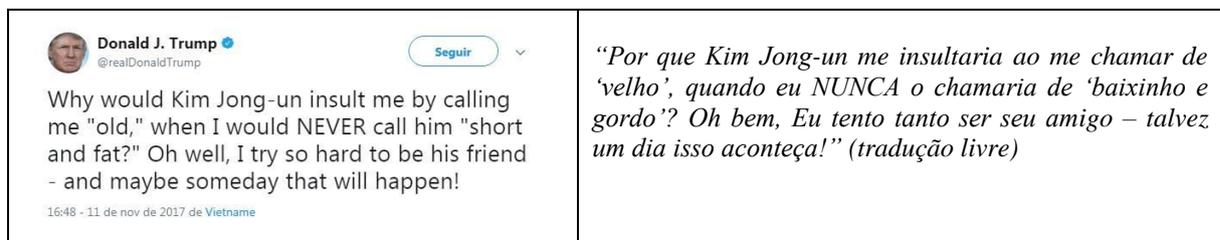
3 Discussões e resultados

Trazer a noção de poder ubuesco para operacionalização no âmbito da política mundial foi o passo seguinte no andamento do estudo. Entendemos que, por conta da pesquisa realizada, as relações de poder que envolvem o poder ubuesco poderiam ser demonstradas por meio de fatos ocorridos no âmbito mundial que todos nós, em algum momento, tivemos acesso e que por isso se qualificaram para ilustrar o tipo de relação de poder que a noção abarca. Mais que isso, encontramos no cenário mundial uma figura política que personifica o Pai Ubu. Estamos falando do presidente eleito dos Estados Unidos da América, Donald Trump.

Desse modo, buscamos na internet, especificamente em uma das redes sociais⁹ de Donald Trump, elementos que corroborassem as três propriedades elencadas por Foucault (2010) que compõem o poder ubuesco. Dentre as postagens do presidente norte-americano, as que insultam o ditador norte-coreano Kim Jong-un são as mais contundentes. Aliás, por conta das referidas postagens e das respostas que vinham na mesma intensidade, percebemos a existência não somente de uma nova personificação do ubuesco, mas de duas.

Após o exame dos materiais encontrados, compreendemos que nos atos e nas enunciações de Donald Trump e Kim Jong-un se evidenciam as três propriedades que remetem ao modo como Foucault (2010) caracterizou o poder ubuesco. A primeira dessas propriedades envolve as recorrentes ameaças de lançamentos de mísseis em que os dois governantes, por meio de declarações e postagens, colocaram em risco a vida de milhões de pessoas, se as ameaças tivessem sido efetivadas. Tem-se nisso, traços que remetem a propriedade de vida e de morte, que é uma das características do poder ubuesco. Além disso, os dois possuem, às custas dos cargos que ora ocupam, o poder de verdade, um escolhido por eleitores de seu país e outro como herdeiro de um regime ditatorial. Para mais, possuem o poder de provocar o riso incomodado, o riso irônico que faz parte da tríade de propriedades do poder ubuesco, que pode ser percebido pelo conteúdo das mensagens trocadas entre ambos os governantes. Um exemplo disso pode ser a postagem em que Donald Trump apelida o ditador norte-coreano de “homenzinho foguete”, ou ainda quando o provoca chamando-o de “gordo” e “baixinho”. Esses insultos são parte da resposta de Donald Trump a Kim Jong-un após ter sido chamado de “americano senil mentalmente perturbado”. Conforme a Figura 1 abaixo:

Figura 1: Tuíte de Donald Trump.



Fonte: <https://twitter.com/realdonaldtrump>

Além do mais, esse tipo de insulto faz lembrar os xingamentos de Pai Ubu, em que o personagem usa termos como “Toma! Polaco, beberrão, bastardo, hussardo¹⁰, tártaro¹¹, pau-

⁹ Disponível em: < <https://twitter.com/realdonaldtrump> >.

¹⁰ Soldado da cavalaria ligeira que deriva de “gussar” tendo como significação “ladrão de beira de estrada”, “salteador”. Fonte: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hussardo> > Acesso em 11/04/18.

mandado, falso, espião, saboiano¹², comunistóide”! (JARRY, 1986, p. 136). Ou ainda, as expressões utilizadas nos insultos recordam os termos contidos nos relatórios elaborados pelos peritos psiquiatras em matéria penal para qualificarem os crimes cometidos pelos réus, conforme lido em aula por Foucault (2010, p. 6), como “invertidos”, “falastrão”, “cínico”, dentre outros.

Uma vez operado com a noção de poder ubuesco no âmbito da política mundial, o desafio seguinte consistiu em realizar a operação sobre a Educação Ambiental, sendo esse um dos objetivos da pesquisa de Mestrado em andamento. Para tanto, tomamos o contexto da crise ambiental vigente para a tarefa. Dado que já acompanhávamos as ações e as declarações que envolviam o presidente norte-americano, o personagem Ubu contemporâneo que tomamos para ilustrar o estudo e o artigo elaborado, encontramos novamente em suas postagens na rede social (*Twitter*) aquelas que possibilitaram a operacionalização com a noção de poder ubuesco. Num primeiro momento, o que acresce para a promoção do encontro com a Educação Ambiental foi a retirada do país governado por Donald Trump do Acordo de Paris. As razões indicadas para essa ação que foram apresentadas por Donald Trump em seus discursos e em suas postagens na rede social possibilitaram a ligação ao poder ubuesco. Duas declarações extraídas da reportagem que tem como título “Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática” (AHRENS, 2017) seguem como exemplo. A primeira quando afirmou: “admito que a mudança climática esteja causando alguns problemas: ela nos faz gastar milhões de dólares no desenvolvimento de tecnologias que não precisamos”, e a segunda: “fui eleito para representar os cidadãos de Pittsburgh, não de Paris [...]”.

Para marcar a categoria do ubuesco na operacionalização sobre a crise ambiental vigente, adotamos o desdobramento sugerido por Leme (2008) para a referida noção: a noção de mentira ubuesca. Novamente encontramos nas postagens de Donald Trump aquela que daria a sustentação para o estudo em andamento. A publicação selecionada foi a de que, para Donald Trump, o aquecimento global não seria resultante das atividades humanas, se tratando de “uma mentira inventada pelos chineses” para fazer com que a economia americana não continuasse a crescer. Para ele, a economia chinesa, situada em segundo lugar nos níveis mundiais que medem a economia, poderia superar a economia do país que ora governa. Por conta disso, a dita ameaça chinesa ou a estagnação da economia americana foram usadas como apelo aos eleitores do então candidato ao governo dos Estados Unidos da América.

¹¹ Provavelmente o xingamento tem conotação com os habitantes da região da Tartária. Fonte: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tart%C3%A1ria>> Acesso em 11/04/18.

¹² Diz-se do habitante de Savoia, França. Fonte: < <https://pt.wiktionary.org/wiki/saboiano>> Acesso em 11/04/18.



Entendemos que ao fazer uso desse tipo de discurso, Donald Trump, durante a campanha eleitoral, lançou mão da mentira ubuesca, tendo essa implícitos a noção de poder ubuesco e o princípio do terror, como aludido anteriormente. Os questionamentos e problematizações acerca das declarações de Donald Trump constam com mais detalhes no artigo elaborado.

Para concluir o estudo foram apresentados dados oriundos de pesquisas científicas que atestam a alegação de que o aquecimento global tem em grande parte a influência das atividades humanas por meio do uso excessivo de combustíveis fósseis e do desmatamento de florestas, por exemplo. Além disso, nas cinco sessões do artigo elaborado, são apontados subsídios que indicam a abrangência do poder ubuesco envolvendo também os sujeitos não-humanos.

4 Conclusões

Ao longo desse relato de estudo, baseado no método da Cartografia, procuramos apresentar o acompanhamento do processo de produção da noção de poder ubuesco, numa atividade de investigação que envolveu, antes de tudo, dar atenção ao espanto provocado diante do novo. Em seguida, procuramos as pistas que levaram Foucault (2010) a caracterizar um poder de ubuesco e, por fim, retornamos ao texto Leme (2008) com o intuito de conectar a categoria do ubuesco e promover o encontro da referida noção com a Educação Ambiental. Entendemos que nas idas e vindas promovidas pelo estudo brevemente narrado, acompanhando a movimentação e as mudanças da noção de poder ubuesco, não damos como finalizado o processo. Desse modo, a experiência que nos passou, nos aconteceu e nos tocou se constitui como uma das etapas da pesquisa.

Para mais, consideramos a noção de poder ubuesco pouco explorada na perspectiva foucaultiana, pelo menos do modo como procuramos fazer ao longo do estudo, daí o caráter desafiador da pesquisa realizada. Por conta disso, entendemos que o acima exposto não esgota as possibilidades de operar analiticamente com a noção sobre a Educação Ambiental, visto que a pesquisa de Mestrado ainda se movimenta nesse sentido. Assim, defendemos o potencial da noção de poder ubuesco como uma ferramenta conceitual analítica capaz de fornecer elementos para a compreensão que ora se apresenta num contexto de crise ambiental, possibilitando provocações e interpelações aos sujeitos envolvidos para uma possível variação desta realidade.

NOTES ABOUT THE KNOWLEDGE OF EXPERIENCE: ENVIRONMENTAL EDUCATION AND UBUESCO POWER

Abstract: Experience is understood as what passes us, happens to us, and touches us. In view of this, this experience report takes the sense of a report of a study that touched us, happened to us and left traces in us. Therefore, the following narrative refers to an experience report about a master's degree study embedded to the Research line of the Postgraduate studies Program in Education in Sciences: Chemistry of Life and Health – UFRGS, that investigates how the effects of the speeches and social practices processed in different instances act in the production of truths and subjects, having as base the poststructuralist perspective. The study had as objective to examine notions pertinent to the Michel Foucault's philosophy that worked as analytical tools to give new looks about Environmental Education. The purpose of this text is to present how happened the meeting between the referred education and the notion of ubuesque power, mentioned by the author only in the two first classes that integrate the work *Abnormal* (1974-1975). On account of this meeting, having as base the Cartography method, in which it was sought to present the maps of senses that the ubuesque category reached, it was obtained as result the elaboration and submission of a paper in which the notion of ubuesque power was operated with the context of the present environmental crisis. This report will approach the experience traveled until the writing of the submitted paper, presenting the main steps of the accomplished course.

Keywords: Environmental Education. Experience. Ubuesque Power. Poststructuralist.

Referências

ALVAREZ, J., PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial – Pista 7. In: PASSOS, E., KASTRUF, V. ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do Método da Cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 131-149.

BARROS, R.B., PASSOS, E. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, E., KASTRUF, V. ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do Método da Cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 172-200.

AHRENS, J. M. Donald Trump enterra esforço global para deter mudança climática. Washington, junho/2017. Jornal *El país Brasil*. Disponível em:< https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/01/internacional/1496334641_201201.html> Acesso em 12/04/18.

BONDÍA, L. J. Notas sobre a experiência e o saber experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. Jan-abril, 2002, n. 19, p. 20-28. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 06/03/18.

FERNANDES, S. Alfred Jarry. In: JARRY, A. **Ubu Rei**. Tradução de Sérgio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

FOUCAULT, M. **Os Anormais:** curso no Collège de France, 1974-1975. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.



_____. **Do Governo dos Vivos**: curso no Collège de France, 1979-1980. Tradução de Eduardo Brandão. 1 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

JARRY, A. **Ubu Rei**. Tradução de Sérgio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

_____. Outra apresentação de Ubu Rei. In: JARRY, A. **Ubu Rei**. Tradução de Sérgio Flaksman. 1. ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2007.

_____. **Ubu-Rei**. Tradução de José Rubens Siqueira. 1.ed. São Paulo: Editora Max Limonad, 1986.

KASTRUF, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo – Pista 2. In: PASSOS, E., KASTRUF, V. ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

LEME, J. L.C. A crise da governamentalidade e o poder ubuesco. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M., VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (Org.). **Cartografias de Foucault**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

REVEL, J. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Editora Claraluz, 2011.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas de um desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2011.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.